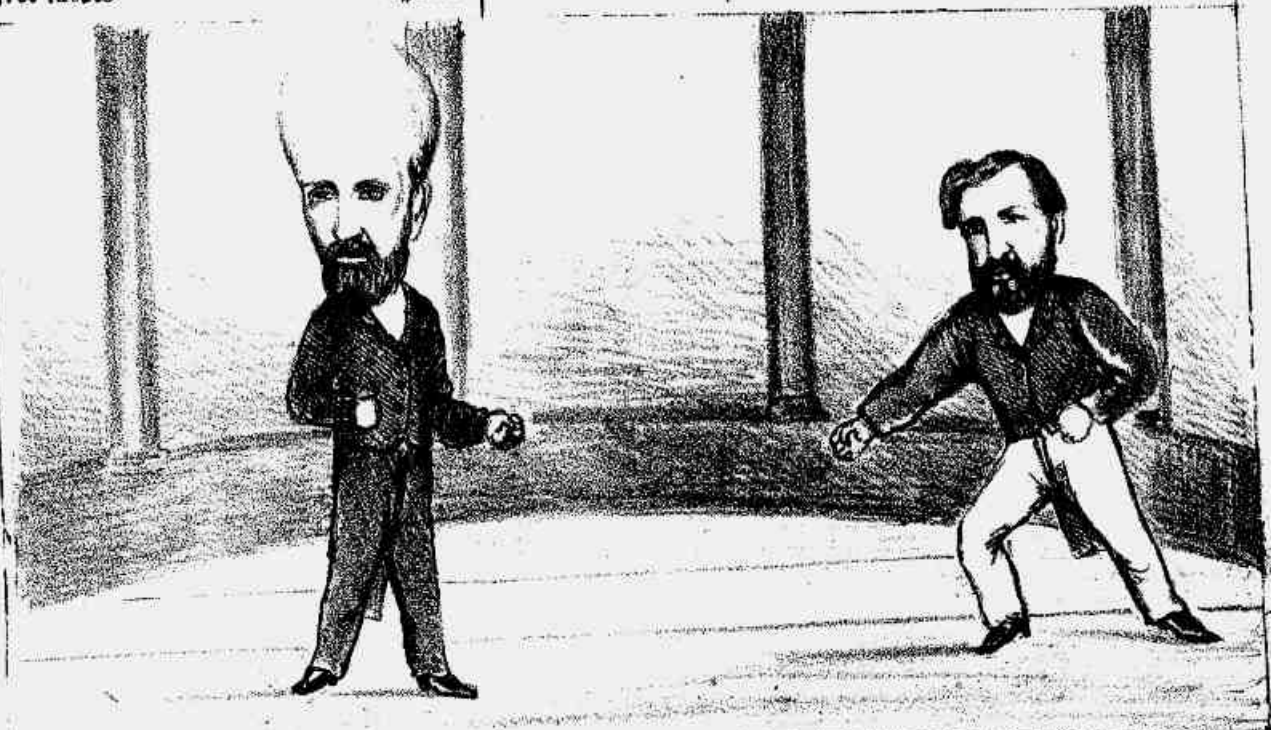




CÔRTE		N. 21.		PROVINCÍAS.	
Um anno	148000	ANNO I.		Um anno	148000
Seis mezes	78000			Seis mezes	78000
Tres mezes	38500			Avulso	300 rs



Ultimo quadro do grande drama—Assembléa—em que o actor Paula oferece batatas ao Christiano.

A PACOTILHA

Carta do tio Ignacio das Mercês a seu amigo Tiberio.

IV.



MAVEL TIBERIO.—Saúde, paz e felicidades, e à tua Joanna.

Tão cedo não tencionava escrever-te, porque o tempo não me sobra desde que me envolvi com a gente de cima; porém não posso à vista do effeito que produziu a ultima que te escrevi, effeito que eu não esperava!

Algumas linguas, inoculadas do veneno o mais corruptor, têm feito circular por ali que o teu velho Ignacio propende para este ou aquelle partido. Protesto solennemente contra semelhantes boatos!

O teu velho Ignacio, ha vinte e seis annos que arredou-se da politica. Ha vinte e seis annos que vê diante de si o lugubre quadro das dissensões, que cada vez mais dilacerão o paiz!

Ha vinte e seis annos que o teu Ignacio vê-se obrigado, por força irresistivel do destino, a ganhar, com sacrificios os mais efficazes, exposto a todos os perigos, uma longa experiencia, o que lhe autorisa a fallar do modo porque te fallou; e nem pretende jámais envolver-se em politica.

Além disso, meu Tiberio, não é esse o programma de minha sobrinha. Quando ella sahio à luz protestou fallar de tudo e daquelles que se arredassem da estrada em que devem trilhar. Isso temos cumprido.

Se te dizia que o paiz marchava a passos agigantados para uma reacção, para uma desgraça, tinha diante de mim a historia; não é meu. E quem tiver de escrevel a, não se pôde furtar a essas verdades!

Não fallo deste ou daquelle governo. Todos elles têm em vista o seu sordido interesse e a sua conservação!

Todos elles têm saltado por cima de nossa constituição, extinguindo por esse modo a maior parte de nossas instituições, os nossos mais sagrados e preciosos direitos, não hesitando até hoje em lançar o paiz na voragem revolucionaria!

Como heide, pois, meu Tiberio, apoiar este ou aquelle governo? Deixemo-nos disso!

Olha, meu Tiberio. Outro dia resolvi-me a ir assistir á uma das inspecções de saúde no quartel general da guarda nacional, e benzi-me com a mão canhotã!

Um latagão de chapéo armado (que depois soube que era medico), pergunta a um dos inspecionandos: — « O que é que tem? O que sente? » — E sem mais exame, com voz estridente, diz-lhe: — « Vá-se embora! Você não tem nada! »

E não se falle, meu Tiberio!...

Para que valer-se da posição e do acto para infundir no soldado o terror!? Por ventura o soldado é um escravo, para ser tratado por esse modo!?

Examinar cuidadosamente o doente, animal-o, perguntar-lhe o que sente, ver-lhe os symptomas, é o primeiro dever do medico que inspeciona, e depois a sua opinião, onde deve imperar a justiça! Além disso... deve consultar à sua *consciência*...

Enfim, meu Tiberio, não me agradou nada essa maneira de inspecionar-se, o que reclama de quem competir sérias providencias. E a continuar assim, vejo-me na necessidade de me pronunciar de uma maneira mais clara e positiva, pois formei um juizo bem desagradavel dos membros de que se compunha a junta!

E depois... não se queixem do tio Ignacio!...

E assim é tudo o mais, meu Tiberio!

Qualquer que seja a autoridade, por mais insignificante que seja, arroga a si um poder extraordinario! Não ha nenhuma que conheça a orbita de seus deveres. E assim vão violando todos os nossos direitos, aniquillando cada vez mais a nossa constituição!

Que vão indo, meu Tiberio; que lancem o paiz na voragem revolucionaria! Nessa occasião o paiz poderá então rebaver as suas garantias, o cidadão poderá respirar, e gosar dessa liberdade que tão sabiamente nos outhorga uma constituição como a que herdamos dos nossos antepassados!

E oxalá que nessa occasião os nossos compatriotas mais esclarecidos, possam conhecer melhor os verdadeiros e mais vitaes interesses do paiz!...

Basta, meu Tiberio, basta!

Todas as vezes que empunho a penna para dizer-te estas verdades... tremo!... O sangue, fazendo sua circulação por todos os póros, congela-se ante meu coração, e fico insensivel!...

A sobrinha aproveita a occasião para recommendar-se a você.

TIO IGNACIO DAS MERCÊS.

Rio, 1º de Setembro de 1866.

P. S.—Constando-me ultimamente que o nosso amigo Dr. Charlata, ajudado pelo seu collega Dr. Chico Antonio, praticou uma operação difficil e de grande effeito em uma doente nossa conhecida, fazendo a primeira experiencia de seu novo processo de chloroformisação, peço-te que lhe observe que seja mais cauteloso d'ora avante, porque ether methyl-chloridrico tri-chlorado não é chloroformio, e sim o bi-chlorado...

Diga-lhe mais: que o ether methyl-chloridrico tri-chlorado mata..., e que não continue porque...—Ignacio.

Um coração de moça em um peito de velha.

(Continuação.)

Lourenço poz-se a pensar de si para si. Um arranjo com uma velha, e uma velha chafariz de amores, pilha vulcanica de sensibilidade, era-lhe um chouriço appetitoso. Depois disto accrescia que Dorothea possuia alqueires de ouro, que reduzidos á expressão mais simples, davão-lhe mundos de prazer e gozo. Lourenço sonhou, pois, almoçar, jantar e ceiar no *Bueno Retiro*, applaudir á *rompre des gants* á Aimeé, ser *habitué* do Alcazar, ter trem e cavallos, fumar *havanás*, e além disto ter no hotel da Europa conta corrente, entrada em toda a parte e sahida airosa em todos os bailes e *soirées*.

Emquanto taes idéas borbulhavam em Lourenço, o que pensava Dorothea?

D. Dorothea, lida e comida em Carlos Magno, queria um amante paladino, brigador, armado dos pés á cabeça, ousado, valente, defendendo-a á todo o transe, elogiando-a nos theatros, dizendo enfim que D. Dorothea era uma fruta delicada, um manjar delicioso.

Em vista disto enganavam-se ambos. Vejamos, pois, como se houverão entre si.

— D. Dorothea, disse Lourenço dobrando os joelhos e cobrindo de beijos os aneis que ornavam as mãos da solteirona; D. Dorothea, vós sois o chafariz que inunda de prazer todo o meu coração, sois o meu sol, a minha lua, o bom-bocado de minhas aspirações, a aspiração de minha alma.

E Lourenço, á proporção que vomitava phrases tumidas de enthusiasmo, beijava, beijava com ternura, com fervor, os aneis de D. Dorothea. A solteirona, estatica, arroubava-se de uma adoração tão gloriosa.

— E vós me amais, Lourenço? perguntou ella revirando os olhos.

— Amo-vos, Dorothea, como Gonzaga amou á sua Marília. E vós sois a minha Marília aos 60 annos.

— Sessenta annos? Credo em cruz! Eu tenho apenas trinta e cinco.

— E eu..... quatorze..... Amo-vos, D. Dorothea, com furor.

— Dá licença, D. Dorothea, disse um velho de oculos pretos entrando no salão e estacando ante tão maravilhoso espectáculo. D. Dorothea correu até á pupilla dos olhos, Lourenço erguen-se como um ponto de admiração, dirigiu sobre o velho, e com voz funebre disse:

— Quem sois vós, insolente?

(Continua.)

Minha priminha.

As idéas da época acarretão para o futuro grandes e inevitaveis desgraças para o nosso paiz.

Abraçados com a bandeira liberal, os homens da actualidade pretendem dar liberdade sem limite a tudo e a todos.

Tua prima, que não a seduz mais o bello dessa palavra, que tantas vezes tem sido fatal á humanidade, deseja liberdade tanta quanta seja necessaria ao cidadão, ou melhor como se acha exarada no pacto fundamental do nosso paiz, e não como são as tendencias da actualidade.

Formou-se uma nova associação denominada—Immigração Internacional—isto é, não emigração entre nações, que pretende attrahir dos Estados Unidos do Sul immensa população para povoar o vasto territorio desta nossa mal dirigida patria.

Que contradição, minha priminha! Os americanos dos Estados Unidos do Sul, não podendo ter escravos, querem vir para o Brasil, onde os ha; e estes nossos homens, fanatisados por tudo quanto é do estrangeiro, acreditão que é as nossas leis, os nossos rios, os nossos campos, as nossas florestas, e muito principalmente a nossa constituição, a mais liberal do mundo, que os movem a estabelecer-se em nosso paiz. Porque não vierão (e ainda não nos vêm de outro ponto) senão agora depois que o governo de seu paiz, depois de uma terrivel e memoravel guerra que tiveram com o norte, aboliu a escravidão do sul?

Agora, dizem os entusiastas: demos passagem a esses homens, que nos vêm ensinar a trabalhar, que nos trazem a moralidade de costume; demos campos e florestas onde elles quizerem, as melhores e as de mais facil communicação com os centros commerciaes, isenção de direitos, e mais ainda, sejão brasileiros e gozem de todos os direitos politicos de cidadão brasileiro, possam occupar todos os empregos e cargos, como deputado, senador e ministro da corôa. Só falta que confessem a sua igaorancia e sua estultez para governar o seu paiz.

Se meu filho, que lá nas plagas paraguayas defende a nossa patria, tivesse o mesmo pensamento destes de que fallo, bemdiria a Deus se uma balla lhe tirasse a existencia do que vel-o o algoz de sua patria!

Que fossem brasileiros os emigrantes, não me opporia, porém que não podessem occupar nenhum cargo politico como o de deputado, senador, etc., e só aquelles que aqui nascessem e que na idade de 15 annos fizessem declaração de sua vontade, ou então aos 21, de querer abraçar a nossa nacionalidade.

Mas os fanaticos da liberdade não o querem assim.

Temos um projecto do nosso joven Tavares Bastos exigindo *liberdade de cabotagem*. Havendo na lei do orçamento um artigo que concede já, como experiencia, que os barcos estrangeiros possam transportar e descarregar generos nas alfandegas e portos alfandegados até 1867, o nosso joven quer já e já liberdade, para que o estrangeiro possa levar as suas mercadorias onde bem lhe parecer, e que o nosso thesouro soffra redução em suas rendas.

Fóra o balão!
POR FLUMEN JUNIUS



Cambada de tolas! deixarem de andar na moda porque, dizem, que o balão encobre certos defeitos....



Julio, qual a razão porque não me levas à missa?
E porque não quero servir de pão de cabelleira



Ha mais de duas horas
P'ra sellar este papel l.



Ha mais de duas horas
Que como este pastel !



O Dr. Luiz Augusto Pinto
Primeiro cirurgião mais antigo da armada
que serve actualmente como director do
hospital de marinha em
Corrientes.



Novo processo de chloroformisação.

O Dr. Chico Antonio não sabe que mitil-chloridrico bi-
chlorado é chloroformio, mas pôde matar ? Tome disto.

Agora então, que se lança novos impostos ao povo... ao pobre povo! e que o Brasil acha-se empenhado em uma guerra de honra e de dignidade, onde seus filhos banhário e banhão com seu sangue os campos do Paraguay, sangue precioso de que o Paraná leva suas aguas tintas, sangue de tantos heróes, aos quaes a posteridade tecerá virentes corôas de louros, e seus nomes serão repetidos por nossos filhos e pela mais remota geração!

O nosso joven, priminha, disse muita cousa bonita, mas na pratica não ha poesia, tudo é realidade; e para exemplo não vimos o Sr. Carrão, profissional em materia financeira, naufragar perante o estado melindroso de nossa praça?

Trouxe o nosso joven como exemplo a França com a Argelia; mas nós estamos nas mesmas condições que essa nação, que tem uma grande marinha mercante e não teme concorrência de qualquer outra, e que isso faz sem prejuizo seu, pois se diminuem as suas rendas, augmenta a da Argelia, sua colonia?

A mocidade, priminha, está caduca, não sabe mais o que faz, sonha com a liberdade e desconhece o que ella seja.

Os francezes já a sonhâo, mas custou-lhe bem caro!

Temos outra questão importantissima, é a liberdade da escravidão.

A tal sociedade de *Immigração* quer a todo o custo a libertação dos escravos, e essa commissão, onde os brasileiros estão em minoria, e estes mesmos,.... é que pretendem alcançar tal fim, quando os representantes têm ainda receio de tocar em tal assumpto e aguardão a oportunidade.

Que é cancro, que é deshumano, que é anti-christão, que é tudo quanto é máo, concordo, mas o meio de extingui-la será o de afogadilho, já e já, sem termos amparado a nossa lavoura, nem provido o meio do emprego dos libertos, e muitas e muitas outras medidas sejam tomadas, e não é mais do que dizer: — *Liberté, fraternité et égalité*?

Priminha, a moda agora é—liberdade da navegação de todos os nossos grandes rios,—liberdade de cabotagem—liberdade da escravidão—liberdade em tudo e por tudo, até na linguagem inconveniente dos parlamentares.

Adeus, priminha; hoje te escrevo estas considerações, que não são proprias do nosso sexo, mas como mãe e que tenho filhos sustentando a honra do nosso Brasil, dóe na alma quando leio o *Jornal do Commercio*, e sei o que se passa no parlamento; e vou agora remetter os pacotinhos que pedi me aceitasses.

Eis-me, priminha, dirigindo-te uma segunda carta, por estarem os nossos jovens litteratos escrevendo *à tort et à travers*, como nos dizia o nosso professor da lingua franceza, tantas *bellezas*.

Tinha reunido magna cópia de mercadoria poetica para empacotar; porém os jovens litteratos, com suas publicações, no domingo proximo passado, demoverão-me do proposito á que atinha o pensamento; por esta razão faço-te remessa das mercadorias litterarias da S. Illus. e do B. Vol., fabricadas e expostas ao publico no dia 23 de Agosto corrente.

A S. Illus. expoz, mercadorias litterarias:

N. 1..... ao menos, ha um ponto em que saquaremas e luzias estão de accordo; é em *dizerem* que a situação....

N. 2..... sómente acharão limitivo no aborrecimento de *estarem* sempre contemplando antiguidades, etc.

N. 3. São balões infelizes aquelles que se despendurão das lojas para se *pendurarem* nos troncos, etc.

O B. Vol. expoz as seguintes, com a marca G. M. e A. Netto:

G. M.—Para da luz curiosa
Robar-te:—ha meio seguro
E' *vivermos* nos beijando
Num quartinho bem escuro.

Gra, priminha, não te veio o rubor á face, vendo esta mercadoria litteraria de tão máo gosto?

A. Netto.—Tens olhos scintillantes
Medrosos se abaixando,
Os meus de quando em quando
Fitarem avistei:
Mas logo presentida
Fugiste espavorida.

O A. Netto não pensou existir tua priminha para lhe fazer uma pergunta: — Para que fazer mãos versos, podendo estudar a lingua vernacula e fazel-os bons?

Os nossos jovens escriptores querem ser litteratos, mas ignorão que não ha litteratura sem grammatica, nem grammatica sem litteratura, pela analogia que uma tem com outra.

Na verdade, priminha, muito devemos ao nosso professor Sotero dos Reis.

Não podendo dispôr de maior espaço, continuarei as reflexões que pretendia fazer n'outra cartinha.

Tua prima

AZUOS-AGARR

P. S. — Na minha primeira carta, publicada na vossa folha illustrada, na qual me déstes mais uma prova de vossa dedicação, sahirão algumas incorrecções typographicas, pois na quinta linha eu não disse—se não me enganei—e sim—e não me enganei, e no fim da carta deve ler-se—acho-o deteriorada pela ignorancia do fabricante nos ingredientes da composição.

Esenta!

OFFERECIDO À EXMA. SRA. D. ...

Quando, ó virgem, te vi a vez primeira
Quando os olhos p'ra mim ternos fitastes,
Nesse humilde e triste lar em que habitava,
Ao duro captiveiro me arrastastes!

Sorriu-se para mim novo porvir!
Ceíste visão me atormentava!
Julguei-me feliz! Gosar venturas
Era tudo no mundo o que anhelava!

Quiz logo te dizer quanto te amava...
Mas ergue-se ante mim alto penedo!
Minha fraca razão quasi perdi
Pensando em te amar mesmo em segredo!

Mas um dia, me lembro, tu, ó virgem,
Me jurastes amar!... Fatalidade!
Jurastes ser constante, ser fiel,
Jurastes fazer-me a felicidade!...

Eu ouvi... Nesse dia esses teus lábios
Me disserão:—Por ti quero morrer!
Essas juras, que fizestes pela Virgem,
Me fazem hoje, triste, padecer!...

A dita de por ti eu ser amado,
De gosar a ventura que anhelava,
Era um sonho p'ra mim, era um milagre?
Um milagre d'amor... qu'en affagava!...

Tive fé nesse amor, cri nessas juras!
Tive fé nesse peito tão fingido!
Cri nessa tu'alma sem piedade!
Nesse coração tão fementido!...

Eu, além do coração nada mais tenho
P'ra fazer-te feliz, virgem formosa!
Um peito que s'encerra um'alma nobre!...
Não te disse, cruel, vil, enganosa?

Acaso fui eu, oh! céus, que te illudi?
Falla! para que altiva encobres?!
Amei-te... porém... fui provocado!
Confessa! Assim fazem as almas nobres!

Não importa, cruel, nega que amei-te,
Que também eu protesto—te aborreço!
Não digas, cruel, que me adoravas,
Qu'en também de ti já não careço!...

P. J. RIBEIRO.

26 de Agosto de 1866.

Fabula.

O PAVÃO E O BURRO.

Um lindo *pavão* um dia
Que n'um campo passava,
Encontrou-se com um *burro*
Que, gostoso, ali pastava.

A conversar principião,
Travirão logo amizade,
Na qual o louco sendeiro
Tinha a mais nescia vaidade.

O tal sendeiro, orgulhoso
Da companhia em que andava,
De que era *burro*, esquecido,
Outro *pavão* se julgava.

A prumo punha a cabeça,
O pescoço entumescia,
E sobre as pelladas ancas
Da cauda as sedas abria.

O *pavão* vendo as fumaças
Daquelle pobre sendeiro,
Fazia todas as noites
Do seu costado poleiro.

Certo dia em que os dous juntos
Estavão sobre um rochedo,
O *pavão* desprende as azas
Voando sobr'um arvoredado.

O *burro*, que sempre é *burro*,
O amigo imitar querendo,
Começa a esticar os braços,
Tambem voar pretendendo.

Do cume do tal rochedo
Se atira precipitado:
Baquêa, triste, na terra,
Onde fica arrependado.

MORALIDADE.

Imitador deste seculo,
Se falto d'azas te sentes,
Vendo voar os outros
Voar tambem não intentes.

Poetas e litteratos,
Moderai vossa afoiteza,
Não ouseis transpôr a mêta
Que vos poz a natureza.

OMISSIREV JUNIUS.

Rio, 22 de Agosto de 1866.

Typographia e Lyt.—Economica—Rua de Gonçalves Dias n. 34.



Emigração.

Vinde! esta terra, estas florestas são vossas; regenerai-nos. A raça latina está caduca, eu vos dou o Brasil.